

## SÉRIE TRAJETÓRIAS 2008

Palestrante: Sandrino Santoro

Local: Rua da Lapa, 120/12º andar

Data: 09 de setembro de 2008

Hora: 17:00

### **1ª Fase - A Infância:**

Nasci no sul da Itália, em 13 de março de 1938, na província de Cosenza, em Acquappesa. Esta pequena e lindíssima cidade, que fica defronte ao mar Tirreno, na Calábria, onde na época moravam cerca de 2.000 pessoas. De lá para cá a população vem diminuindo.

Em 1933, meu pai havia servido o exército e em 1939 se alistou como voluntário para defender a pátria na 2ª Guerra mundial. Infelizmente ficou prisioneiro dos ingleses, no Quênia, na África, por sete anos; por esta razão só conheci meu pai com 8 anos de idade.

Em 1948, meu pai veio para o Brasil como imigrante e novamente ficamos sem o carinho dele até 1950.

Em Acquappesa, eu estudava pela manhã e trabalhava à tarde na oficina de marcenaria do meu tio, desde os 8 anos até os 13. Naquela época, na cidade em que nasci, era comum as crianças e adolescentes aprenderem uma profissão. Como meu pai era um grande marceneiro e desenhista, eu não poderia deixar de conhecer esses ofícios. Essa experiência me serviu bastante para construir instrumentos musicais. Por outro lado, a música me atraía muito, pois tinha primos que tocavam violino, violão e o órgão da igreja local.

Eu ia à missa aos domingos para rezar, ouvir música e ajudar quando tocavam o órgão (era um órgão de fole). Pena que hoje esse órgão não funciona e nem o tenham consertado.

### **2ª Fase - A vinda para o Brasil:**

Em fevereiro de 1951 viemos ao encontro do meu pai: eu, com 13 anos, minha mãe, com 42, e minhas 3 irmãs (Ida, a mais velha, com 16 anos, Fioretta com 5 anos e Maria com 3 anos). Éramos 6 pessoas.

Foi uma fase difícil e logo comecei a trabalhar com meu pai. A oficina de móveis em que trabalhávamos tinha máquinas elétricas com alto índice de periculosidade e o dono logo sentiu que eu não poderia continuar trabalhando naquele local, por ser menor de idade.

O papai conhecia muita gente e logo me apresentou ao Sr. Antonio Ângelo, que era decorador e grande conhecedor de laqueação, decapê e douração de móveis com folhas de ouro. Em pouco tempo eu já era conhecido nesta arte. Eu não tinha nenhuma dificuldade para aprender trabalhos manuais. Depois de algum tempo ocorreram algumas desavenças com o Sr. Antonio, o que fez com que eu saísse de lá e fosse trabalhar numa pequena fábrica de colchões de mola, de outro amigo de meu pai, dono dos colchões Alex.

Em pouco tempo de serviço, o dono da fábrica, notando minhas habilidades, me convidou para ser o gerente, em substituição a um senhor de 70 anos. No entanto, eu não gostava muito do trabalho que exercia, pois achava tudo fácil e monótono e considerando que iria desempregar uma pessoa de 70 anos, pedi minha demissão e voltei a trabalhar com o Sr. Antonio Ângelo, que ficou feliz da vida. Eu estava então com 17 anos.

Só que o interesse pela música não parava de crescer. Pedi, assim, ao Sr. Angelo para trabalhar somente quatro horas por dia, pois o restante do tempo eu precisava para iniciar os meus estudos musicais. Em princípio ele não aceitou, porém com o passar do tempo ele compreendeu e aceitou meu pedido.

Surgiu então uma boa ocasião para começar a estudar música. Isto em 1956/1957, quando eu tinha 18 anos.

Depois tive uma grande chance de ganhar um salário melhor. Fui chamado para pintar e dourar o altar-mor, os altares laterais e os nichos da Igreja Porciúncula de Sant'Ana, situada em Niterói. Nessas tarefas, trabalhei sozinho durante dois anos. Eu era o executor e o patrão ao mesmo tempo.

Nesta igreja tive a sorte de conhecer a Neném. Ela, com uniforme de colégio, vinha para as bênçãos realizadas às terças-feiras. É lógico que nesses dias eu não fazia nada, esperando a sua chegada, pois ela já estava no meu coração. Casamos nessa igreja em 14 de janeiro de 1967. Nela também foram batizados nossos 3 filhos e comemorados nossos 25 e 40 anos de casados.

### **3ª Fase – O instrumentista e a música**

Tenho um primo mais velho, com uma voz belíssima de tenor, que iniciou seus estudos musicais em 1956 e eu sempre o acompanhava. Estávamos sempre junto, pois também era imigrante e morou conosco durante muitos anos. Mais tarde, em 67, ele foi admitido no Coral do Theatro Municipal do Rio de Janeiro e hoje sua filha também é integrante desse Coral.

Um dia, resolvi perguntar ao professor de música desse meu primo, Sr. Henrique Zottolo, se eu poderia ser seu aluno. Para minha sorte ele concordou. Passei a me dedicar muito aos estudos de teoria e solfejo e em pouco tempo ele observou que eu tinha facilidade nesse aprendizado. Falei com ele que minha ideia era estudar violão, mas ele não concordou e me disse que eu deveria estudar contrabaixo, devido ao tamanho de minhas mãos. Ele era lutiê e tocava um pouco alguns instrumentos de corda que construía, tais como contrabaixo, viola, violino, etc. Foi ele quem construiu o meu primeiro contrabaixo.

Assim que ficou pronto, levei-o para casa e todos acharam que era um instrumento muito grande. Tinham razão. Alguns amigos de rua me diziam caçoando que eu precisava comprar um caminhão para carregá-lo. Mas eu tinha o maior orgulho de andar com ele pra lá e pra cá, subindo e descendo mais de 100 degraus necessários para chegar a minha casa.

Meu primeiro professor de contrabaixo foi o italiano Antonio Leopardi, naturalizado brasileiro, e que era professor da Escola de Música da Universidade Federal Fluminense, onde eu frequentava o curso técnico. Depois de um ano e meio de estudos ele veio a falecer. Era Sexta-feira santa do ano de 1959.

Em seguida passei a estudar com o professor Wasily Jeremeev por três anos. Ele era russo e além de ser um excelente contrabaixista havia estudado violoncelo, violino e agronomia. Tocava na Orquestra do Theatro Municipal e passou a ser o professor de contrabaixo na Escola de Música em substituição ao Antonio Leopardi.

O Wasily também chegou a construir nove contrabaixos, o que me serviu de incentivo para o aprendizado em luteria. Embora ele usasse o arco dito “alemão”, manteve a minha forma de segurar o arco, que é a da escola italiana.

Infelizmente, voltou para a Rússia em 1962, porque os proventos que recebia eram insuficientes para manter sua família, razão porque construía contrabaixos. Dos seus três filhos brasileiros, somente o Wladimir, com apenas 10 anos, já tocava contrabaixo. Todos os baixistas sentiram sua ausência e a tristeza em mim começou a chegar, mas eu não poderia parar de estudar.

Cerca de vinte anos atrás Wladimir veio ao Brasil e estivemos juntos tocando em minha casa. Eu comecei a tocar sozinho e ele me olhando e ouvindo atentamente me disse: “Incrível, Sandrino, como é possível você tocar igualzinho ao meu pai”. Wladimir me deu o telefone de seu pai e dias depois eu telefonei para o professor Wasily. A emoção foi grande. Choramos juntos. Ele só pronunciava sem parar o meu nome e eu também o dele. Ele já faleceu.

Com a saída do Wasily da Escola de Música foi contratado o professor Antonio Pedro Mião, enquanto eu cursava o curso técnico profissional. Este professor havia terminado o seu curso há mais de trinta anos e não tocava em nenhuma orquestra. Ele montou uma escola de música em Madureira, onde morava. Durante as aulas ficava surpreso com a desenvoltura com que eu tocava e me perguntava como eu conseguia tocar daquela forma e queria que eu lhe ensinasse a técnica que eu utilizava. Com frequência me dizia também “você é que vai ser o professor dessa Escola”.

Não poderia deixar de mencionar o nome dos diversos outros professores de violoncelo, violino e contrabaixo que tive, tais como: Iberê Gomes Grosso, Nidia Soledad, Peter Dauelsberg, Santino Parpinelli, Agostino Paglia, meu amigo particular Renato Sbraggia, etc. Alguns deles foram, também, meus professores no Conservatório de Música de Niterói, da Universidade Federal Fluminense, onde concluí o curso de graduação em contrabaixo de cordas, no ano de 1965.

Nas décadas de 60, 70 e 80 vinha ao Rio de Janeiro a Orquestra de Câmara I Musicisti onde o contrabaixista era Lucio Bucarella. Depois de vê-lo tocar pedi a ele, encarecidamente, para vir à casa de meus pais para que eu pudesse mostrar-lhe meu modo de tocar. Fez comentários e eu gostei muito. Todas as vezes que ele vinha ao Brasil eu tocava para ele, para ouvir suas críticas. Não poderia deixar de registrar um fato que me marcou tanto: certo dia Bucarella, após me ouvir tocar, me disse “você já pode voar com suas próprias asas”. Aí, entendi o que ele quis me dizer. Somos amigos até hoje.

Voltando um pouco no tempo, um fato curioso ocorreu quando fui ensaiar pela primeira vez em uma orquestra sinfônica. Era na Orquestra Universitária, em 1958. O ensaio era aos sábados e seu diretor era o meu saudoso maestro Raphael Baptista. No primeiro ensaio de duas horas saí tão triste porque não consegui tocar nada e eu disse para mim mesmo “aqui não virei tocar mais”. Mas, no sábado seguinte fui e fiquei de longe escondido vendo e ouvindo a Orquestra ensaiar. Quando faltava meia hora para terminar o ensaio me apresentei e o maestro Raphael delicadamente me disse “Sandrino, vamos ensaiar, ainda falta meia hora para encerrar o ensaio. Tire a capa do instrumento”. Foi a minha sorte. Porque neste pouco tempo toquei dez vezes mais que no 1º ensaio e agradeço sempre ao querido maestro ter entendido a minha tristeza do 1º ensaio. Depois disso tomei coragem e fui ensaiar com a Orquestra de Câmara da Pro-Arte. Lá estava o Norberto Pastore e o violoncelista Antonio Guerra Vicente, meu amigo até hoje.

Para os ensaios da Pro-Arte o grande pianista Homero Magalhães vinha até a minha casa em seu automóvel, coisa rara naquela época, para me levar até o local do ensaio, que era em Laranjeiras.

Tomando mais coragem e intimidade com o instrumento, em 1961, fiz meu primeiro concurso para integrar a Orquestra Sinfônica Nacional da Rádio MEC, que acabava de ser fundada. Fui aprovado. Minha estreia nessa Orquestra foi com o maestro Eleazar de Carvalho, regendo a *Nona Sinfonia*, de Beethoven, em 19 de

outubro de 61. Foi um sufoco para mim. Eu era o último contrabaixista do naipe e aos poucos fui mudando de lugar, até ser o primeiro (aproveito para registrar que fui também o 1º da Orquestra de Câmara da Rádio MEC, quando o professor Renato Sbraggia saiu). No ano seguinte, foi divulgado no Diário Oficial da União que os integrantes da Orquestra Sinfônica Nacional seriam efetivados. Embora contente com a notícia, vi que meu nome não constava do DOU. Fui então à Direção verificar o que estava ocorrendo e eles me disseram que eu precisava me naturalizar para ter os mesmos direitos daqueles nomeados no citado Diário. Tratei logo de dar entrada na documentação necessária para a naturalização e em 1964 ela foi concedida. Na realidade, nem precisava me naturalizar, bastava apenas fazer a opção pela nacionalidade brasileira, pois minha mãe era natural do Brasil.

Em 1962, fiz concurso para a Orquestra do Theatro Municipal do Rio de Janeiro e não fui aprovado por 10 décimos. Fiquei amargurado, triste. No entanto, três meses depois me convidaram para tocar na temporada no mesmo ano. Este convite tornou a me animar.

No ano seguinte, em 1963, fiz novamente concurso para o Teatro e passei. Fui contratado. Em 1965, fiz o terceiro concurso para o Teatro, para ser admitido em regime estatutário. Fui aprovado, passando em 1º lugar, com nota pouco abaixo do violinista Giancarlo Pareschi, que também fez este concurso, e que já era *spalla* contratado da Orquestra.

Um ano depois fui promovido para 1º contrabaixo solista, junto com meu amigo e vizinho Renato Sbraggia, que também era professor de contrabaixo da Escola de Música Villa-Lobos.

Eu sempre tive a mania de tocar melodias no contrabaixo. Isto me fazia pensar que mesmo os sons graves são bonitos e agradáveis. Com esta mania sofri muito no Teatro porque alguns colegas zombavam de mim, porém aos poucos entenderam a minha motivação pelos solos. Em 1966 ganhava o concurso para jovens solistas para tocar com a Orquestra Sinfônica Brasileira. Minha apresentação ocorreu no dia 04 de dezembro do mesmo ano executando o *Concerto* de Ditters Von Dittersdorf na Sala Cecília Meirelles. A partir desse dia os colegas começaram a acreditar que o contrabaixo era e é um instrumento solista.

Toquei em quase todas as orquestras de câmara que iam surgindo no Rio de Janeiro, sendo solista em algumas delas. Toquei também, como convidado, nas orquestras de câmara que eram criadas em função da chegada ao Rio do famoso maestro e cravista alemão Karl Richter.

Além da Sinfônica Brasileira, toquei como solista nas Orquestras: Sinfônica do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, Sinfônica Nacional e Sinfônica de Brasília. Ainda na qualidade de solista me apresentei na TV Globo e TV Educativa com piano e orquestra de câmara. Foi a partir de minhas apresentações pela televisão que o contrabaixo ficou conhecido em todo o Brasil e, indiretamente, eu também. Desse momento em diante tudo ficou mais fácil.

Fui professor convidado de vários Cursos Internacionais de Verão da Escola de Música de Brasília. Interessante e curiosa uma crítica recebida do jornal “O Correio Brasiliense”, em 1977, quando no 2º Curso de Verão toquei uma peça do Ernst Mahle, onde fui adjetivado como “o Paganini do contrabaixo”. Julguei esse adjetivo bastante exagerado. Foi nesse curso que conheci a Zoraima Alenfel e a Valéria Guimarães, com 15 e 13 anos respectivamente. Elas vieram ao Rio para estudar comigo. Creio eu que Valéria Guimarães, Zoraima Alenfel e Valéria Polis foram as primeiras mulheres contrabaixistas do Brasil.

As décadas de 70, 80 e 90 foram as mais promissoras para a minha profissão.

Em 1974 fui convidado pela Orquestra Sinfônica Brasileira para participar de sua turnê pela Europa. Nesta época aproveitei para retornar a minha terra natal, após 23 anos vividos no Brasil. Com certeza já deveria ter ido antes. Rever minha terra me deu muita felicidade e emoção. Revi minha avó, tios, tias, a prima Lillina e meus amigos de infância. O primo Giuseppe que tocava violão muito bem havia falecido ainda jovem.

Enquanto me encontrava na casa de meus parentes, em dezembro de 1974, recebo um telefonema de que eu precisava retornar rapidamente ao Brasil para assinar contrato com a Escola de Música da UFRJ para dar aula de contrabaixo.

Foi uma surpresa para mim. Voltei e de fato em 03 de janeiro de 1975 assinava o contrato como professor daquela instituição. Após 6 meses já atuando na Escola fiz o concurso para continuar no cargo de professor.

Retornando um pouco no tempo, com a saída do professor Wasily e o falecimento do Mião, a escola ficou acéfala em contrabaixo. Antes de 1975, era o professor Ranevsky, titular da cadeira de violoncelo, quem ministrava aulas de contrabaixo (na época era comum isto acontecer, professor de violino dava aula de viola, professor de oboé dava aula de fagote, etc.). Hoje as aulas são dadas por professores especializados em seus instrumentos.

O fato de se ministrar aulas de instrumentos musicais afins não era do agrado dos alunos. Foi quando, em 1972, o professor Ranevsky, meu colega e amigo da Orquestra do Theatro Municipal, convidou-me para ajudá-lo nas aulas de contrabaixo, que ele ministrava na Escola de Música. O grande interesse dos alunos nas aulas levou-me a permanecer na Escola por cerca de dois anos. Em 1974 informei ao professor Ranevsky que não iria mais dar essas aulas, pois não era remunerado. Entretanto, quero destacar que neste período adquiri bastante prática em lecionar.

Quando enfim assinei minha contratação, em 1975, como anteriormente já falado, muitos convites começaram a aparecer para ser professor, inclusive para a Universidade de Brasília. Lecionei nos cursos de verão e inverno de Teresópolis, Tatuí, Domingos Martins, Curitiba, Campos dos Goitacazes, Belém e tantos outros.

Estive presente como professor nos encontros de baixistas internacionais realizados no Brasil. Tive muita sorte, porque em um deles veio o famoso contrabaixista Gary Karr, que era meu ídolo em matéria de sonoridade. Fiquei extremamente feliz quando estive em minha casa.

Participei de bancas examinadoras para provimento de vagas de professor de diversas Universidades ou concursos para premiação. Até hoje venho exercendo essa atividade.

Como professor de contrabaixo, além da Escola de Música da UFRJ, lecionei também na UNIRIO, na Escola de Música Villa-Lobos, na Banda Sinfônica do Corpo de Bombeiros e na Banda da Marinha. Nesta última, fui contratado para inserir na banda quatro contrabaixistas. Por essa razão, passou a denominar-se Banda Sinfônica da Marinha. Como não poderia deixar de acontecer, até hoje dou aulas na minha casa.

Agradáveis surpresas tive com meus alunos e eles continuam até hoje a me surpreender. Um dos primeiros alunos que ficou conhecido foi Jorge Soares, que, em 1977, participando de um concurso para instrumentistas de cordas realizado na TV Globo, obteve o 2º lugar. O vencedor foi um violinista virtuoso.

Em 1978, Marco Delestre, meu aluno na época, foi o vencedor nessa modalidade de concurso da TV Globo.

Os concursos e as surpresas não pararam por aí. O Denner Campolina foi um dos primeiros alunos da Escola de Música a ganhar, em 1983, por concurso, o título Medalha de Ouro em contrabaixo. Depois tivemos o Arzolla e a Voila a ganharem esse mesmo título.

Infelizmente, há muitos anos não se realiza esse concurso, que servia de estímulo para os instrumentistas que se formavam. Não sei por que não acontece mais.

Em 1979, no concurso para jovens de Piracicaba, o Ricardo Cândido obteve o 1º lugar. Em 1983 e 1985, o Arzolla ganhava esse mesmo concurso. Mais tarde, o Leonardo Uzeda também ganhava o 1º lugar nesse concurso. Em 1985, Valéria Guimarães foi vencedora do concurso Jovens Intérpretes da Música Brasileira, realizado pela FUNARTE. No famoso concurso Sul América, participavam candidatos de todo o Brasil e do exterior, com qualquer instrumento musical ou na especificação canto. Em 1989, quem ganhou foi o Arzolla.

É um prazer ter contribuído para a carreira de todos os meus alunos de contrabaixo, pois são profissionais que tocam em Orquestras Sinfônicas ou em conjuntos de música popular. Muitos deles foram solistas de orquestras sinfônicas e de câmara.

Hoje são professores de contrabaixo:

- da UNIRIO - Antonio Arzolla, desde 89;
- da Escola de Música da UFRJ – Valéria Guimarães, desde 97;
- da Escola de Música Villa-Lobos – Voila Marques;
- em Vitória do Espírito Santo – Michael Hocreiter;
- no Panamá - Roberto Flores, que é panamenho.

Alguns alunos que não terminaram o curso e foram para a música popular continuam me dando alegrias, como exemplo, Nilson Matta, Luis Alves, André Rodrigues, André Santos, Omar Cavaleiro, Adriano Giffoni que compôs, gravou e dedicou para mim a música *Sandrino no Choro*.

Menciono outros alunos: Alexandre Antunes, que nos Estados Unidos obteve o título de Doutor em contrabaixo, Alexandre Brasil, Sonia Zanão e Arzolla, mestrado pela UNIRIO; Ricardo Medeiros, mestrado em composição na Inglaterra.

Quero frisar aqui que todos os meus queridos alunos foram tratados com o maior carinho, como o de pai para filho, do fundo do meu coração, sem fazer distinção entre eles. Hoje são todos meus amigos.

Não poderia deixar de falar de meus filhos, Ricardo e Paulo (violoncelistas) e Sávio (violista) foram também meus alunos a partir dos 6 anos de idade. Comecei ensinando-lhes flauta doce. O piano foi o 2º instrumento com que eles tiveram contato. Com 18 anos os três já haviam sido aprovados para tocar em orquestras sinfônicas.

Os sobrinhos Renato Santoro, que é baterista, e Felipe Rossi, flautista, também estudaram comigo teoria, solfejo e ditado musical.

Em 21 anos lecionando na Escola de Música formei cerca de 18 alunos, dos quais só um não exerce a profissão de contrabaixista.

Tenho inúmeras cartas que os alunos me entregam, quando de meu aniversário ou no dia do professor. Vou ler apenas uma, sem mencionar quem a escreveu, chamando a atenção para a forma em acróstico de como foi escrita. No caso, o acróstico é **DIA DO MESTRE**:

“Deus sabe o quanto necessitamos  
Inda que tarde se perceba  
A tua importância em nossas vidas.

Dia a dia tu nos dás  
O que aprendeste a duras penas,

Matutando solitário  
E nos esclarecendo apenas.  
Sandrino é sinônimo de música.  
Temos plena convicção, é  
Rico em sensibilidade  
E nos ensina emoção.”

Em 1981, a Escola de Música ofereceu o primeiro mestrado em instrumento de cordas. Eu me inscrevi. Fiz todas as matérias e ainda 4 recitais, com duração de 50 minutos cada um, sem repetição de música, conforme exigência do programa. Não fiz a tese porque eu queria escrever sobre “O contrabaixo como instrumento solista” e o tema não foi aceito. Anos mais tarde a pessoa que discordou do tema me disse “que pena, professor, que o senhor não terminou seu mestrado. Aquele título era tão bonito e tão bom”.

Em 1995, me lembrei dessa história e fui falar com o professor Ricardo Tacuchian, que era o Diretor do curso de pós-graduação. Mostrei a ele todas as matérias que havia estudado e ele me disse “Sandrino, vou fazer meu último expediente hoje (ele estava se desligando da direção), mas você precisa fazer uma monografia como complemento do curso de especialização. Assim fiz, com o título “Modelos de contrabaixo de cordas desde a sua origem até os nossos dias”. Dessa forma consegui obter o Título de Especialização em Contrabaixo.

Muitos colegas, amigos e alunos compuseram peças de contrabaixo para mim. Cito alguns: Ricardo Barbieri, Ricardo Medeiros, David Korenchandler, Antonio Guerreiro, Peter Chuback, Santino Parpinelli. Radamés Gnattali, que compôs a *Canção e Dança*, para contrabaixo e piano, dedicando a Canção a seu pai e a Dança ao professor Antonio Leopardi. A meu pedido, ele fez a Orquestração dessa música para eu apresentá-la com a Orquestra de Câmara da Rádio MEC. Isto ocorreu na Escola de Música e o Radamés estava presente.

O professor Santino Parpinelli escreveu várias peças dedicadas a mim. A mais tocada é a *Dança Nordestina*, escrita em 1979. Para esta música algumas pessoas fizeram arranjos para 2, 3, 4 ou 5 baixos, inclusive, foi gravada pelos meus amigos contrabaixistas Makoto Ueda, no Japão e Milton Masciadri, nos Estados Unidos.

*Dança Nordestina* e *Canção e Dança* serviram, para alguns contrabaixistas, como base de tese de Mestrado na Universidade de Música de Belo Horizonte.

Recebi algumas moções da Câmara dos Vereadores pelos serviços prestados como músico.

#### **4ª fase – Deixando oficialmente de dar aulas**

Esta fase começa com a minha aposentadoria da Escola de Música da UFRJ, em 1996. Pensei que fosse descansar, mas continuei dando aulas em casa e indo tocar, durante dez anos, no famoso Festival de Música que se realiza, em julho, em Belém do Pará.

Tenho sido convidado para dar aulas no Festival do Café, que vem se realizando em julho.

Iniciei, há cerca de cinco anos, minha participação, como professor, no projeto “Volta Redonda, Cidade da Música”, cujo coordenador é o Maestro Nicolau Martins de Oliveira, e lá continuo até hoje. Para minha satisfação, sete alunos desse projeto tocaram no meu aniversário de 70 anos completados em 13 de março de 2008, comemorados na Sala Baden Pawell, em Copacabana - RJ.

Por falar dessa festa, além desses, quase 30 ex-alunos e não alunos se apresentaram nesse dia. Foi o melhor presente que poderia ter recebido. Agradeço do fundo do meu coração a Neném Kriger, como diretora dessa sala, e a todos que participaram dessa festa. Não poderia deixar de registrar que sem a dedicação dos filhos e da esposa Maria José (ou Nenem) a festa não teria ocorrido com tanto amor, carinho e emoção.

Em 2003, outra bela surpresa! Foi deixado para mim, na portaria do prédio onde moro, um envelope da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, cujo remetente era Sandra Regina Garcia Leite. Abro o envelope e vejo um texto muito grande cujo título era “Amarcord: narrativa de um imigrante italiano no Rio de Janeiro”. Tratava-se da dissertação da Sandra, para obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da PUC. No início não entendia direito o que estava lendo. Porém, aos poucos, comecei a me lembrar que, em 2002, tinha vindo a minha casa uma moça com um gravador para me entrevistar, fazendo perguntas sobre minha vida. Continuei a ler e aí me dei conta que o Salvatore mencionado no trabalho era eu. Continuando a leitura vi que havia uma parte falando da ida de meu pai para a guerra, comecei a chorar e não consegui mais ler. Tentei ler outras vezes e não conseguia. Somente na quarta tentativa é que consegui. Até hoje me emociono quando comento sobre a tese da Sandra.

O fato de eu ter aprendido um pouco de marcenaria, quando criança, me ajudou muito. Em 1962 construí meu primeiro contrabaixo e como não tinha dinheiro, antes de casar, o vendi para comprar uma máquina simples de lavar roupas, cuja secagem era manual. Hoje esse contrabaixo encontra-se numa escola de música de Curitiba. Para minha felicidade consegui vê-lo anos atrás. O 2º contrabaixo confeccionado foi em 1964, mas este não foi vendido. A Neném reclama até hoje da venda do primeiro.

Passei uma longa temporada sem construir nada, porque ao mostrar este 2º contrabaixo para um lutiê, recebi duras críticas. Somente em 89 é que fiz um violoncelo para meus filhos gêmeos com madeiras que meu pai havia trazido da Itália; depois de alguns anos fiz uma viola para o meu outro filho Savio.

A viola do Savio foi mostrada ao grande lutiê Rafael Sando, de Bragança Paulista, São Paulo, que gostou muito do instrumento e me perguntou quantas violas eu já havia construído. E eu respondi: “essa é a primeira”. O Rafael então me disse: “se essa é a primeira e é de ótima sonoridade, imagine como ficarão as outras que você ainda fará”. A observação do Rafael me incentivou a continuar nesse ofício. Foi então que em 2005 construí outro cello e em 2007 terminei o 3º contrabaixo que havia começado há 30 anos. Pretendo, ainda, fazer 2 violinos, se Deus quiser.

Fiz também, uns cinco arcos de contrabaixo. Infelizmente, não tenho nenhum, mas um ex-aluno e amigo me diz que só faz gravação com meu arco.

Eu sempre disse que sou contrabaixista e não me considero um lutiê, mas os trabalhos manuais sempre me atraíram e, também, fazem parte da minha trajetória de vida.